

“Trocadilho”: uma proposta pedagógica circense para a Educação Infantil

*Simone de Fátima Alves Mendes¹
Carolina Dias Laranjeira²*

Submetido em: 28/02/2021

Aprovado em: 20/04/2021

DOI: 10.5965/2358092525252021045

1. Mestre em Artes pela Universidade Federal da Paraíba (2020). Atualmente é pedagoga efetiva na Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa, faz parte da equipe de direção do Centro Cultural Piollin, do Fórum Paraibano de Circo e da Rede Paulo Freire. E-mail: simonefalvesm@gmail.com.

2. Doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora adjunta dos cursos de Licenciatura em Dança, Licenciatura e Bacharelado em Teatro do Departamento de Artes Cênicas e do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ca.laran@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo apresenta um dos resultados de uma pesquisa de Mestrado desenvolvida em colaboração com crianças da turma do Pré-Escolar II e professoras de um CREI (Centro de Referência de Educação Infantil) na periferia de João Pessoa - PB. Desde a experiência artística profissional adquirida no Circo, narra-se o percurso de criação de uma proposta pedagógica baseada na junção da arte circense com os jogos e as brincadeiras infantis. Tal proposta, chamada de "Trocadilho", é analisada ao descrever princípios e conteúdos próprios dos saberes artísticos e educativos do circo e identificar parâmetros que guiam o currículo praticado a partir das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular - BNCC. A intervenção no ambiente educacional, provocada pela proposta, permite afirmar que é possível aprender o circo por meio das culturas infantis, ao mesmo tempo em que se permite à comunidade escolar e não apenas ao público infantil o brincar por meio do circo.

Palavras-chave: ensino do circo, metodologias educacionais em Artes, educação infantil.

ABSTRACT

This article presents one of the results of a master's research developed in collaboration with children from the Pre-School II class and teachers at a CREI (Reference Center for Early Childhood Education) on the outskirts of João Pessoa-PB. From the professional artistic experience acquired at the Circus, the path of the creation of a pedagogical proposal based on the junction between circus art, games and children's plays is narrated. Such proposal, called "Trocadilho", is analyzed when describing principles and contents proper to the circus artistic and educational knowledge and identifying parameters that guide the curriculum practiced based on the Common Base National Curriculum - BNCC guidelines. The intervention in the educational environment, provoked by the proposal, allows us to affirm that it is possible to learn the circus through children's cultures, while allowing the school community and, not just the children, to play through the circus.

Keywords: circus teaching, educational methodologies in Arts, childhood education.

INTRODUÇÃO

As crianças viram as coisas pelo avesso e, assim, revelam a possibilidade de criar. – Sônia Kramer

Este artigo tem por objetivo descrever como se deu a construção do percurso metodológico envolvendo as oficinas³ de circo com as crianças do Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) Maria Ruth de Souza, na cidade de João Pessoa – PB, até chegar à proposta pedagógica final, chamada de "Trocadilho".

Além disso, procura analisar tal proposta pedagógica a partir da identificação de uma gama de conhecimentos próprios do Circo e de como esta modifica a perspectiva curricular da Educação Infantil. As oficinas de circo, consideradas como um espaço laboratorial para a elaboração da proposta metodológica, ocorreram em 20 sessões entre os anos de 2019 e 2020, com 15 crianças de 5 anos. A pesquisa foi atravessada e apoiada por intervenções com o grupo de professoras do CREI, entretanto, o texto está circunscrito sobre o desenvolvimento da experiência com as crianças ao apontar aspectos do fazer circense norteadores para a construção da investigação pedagógica.

Iniciamos o relato com a premissa de que, para realizar uma ação educativa, faz-se necessário delimitar o currículo, no sentido de evidenciar o território perspectivo no qual caminhamos para a sua realização. Apontamos elementos compositivos do currículo de uma proposta pedagógica circense inserida na Educação Infantil, sendo guiadas pela ideia de experienciar o corpo mediado pelo conhecimento da linguagem circense, evidenciando e valorizando os saberes sistematizados pelos próprios circenses. Tais saberes se ancoram nas experiências artísticas e educacionais da professora-pesquisadora, criadora da proposta aqui apresentada, cuja formação se deu na Escola

3. O termo "oficina de circo" foi utilizado por facilitar a comunicação e a compreensão da ação proposta entre as crianças e as professoras, uma estratégia para circunscrever o tempo-espaço do desenvolvimento da pesquisa. Tais oficinas podem ser consideradas como sessões de ensino e aprendizagem e, por isso, também serão assim identificadas ao longo do texto.

de Circo Pirilampo, na Paraíba, tendo como mestre Djalma Buranhêm e seus filhos, Dijaelson e Cristina Buranhêm, em circos itinerantes, em trupes de circo e no ensino de circo em projetos sociais e em escolas de circo.

Em seguida, serão descritos os processos explorados para a criação do percurso metodológico de "Trocadilho", de forma inspirada na organização estética de um espetáculo de circo moderno, que, segundo Benício (2018, p. 316), "é em forma de roteiro de números a serem apresentados e de uma produção técnica a ser executada para a realização de cada número". Os números são apresentados até que, em determinado momento, ocorre uma pausa, um intervalo e, em seguida, retoma-se ao roteiro. Seguiremos essa organização, composta por Primeira parte do espetáculo, Intervalo e Segunda parte do espetáculo.

Na Primeira parte do espetáculo, a estrutura inicial das atividades experimentadas, intitulada Programa, é apresentada. No Intervalo, é partilhado o momento no qual o grupo de crianças convida a parar um pouco e a exercitar, ainda mais, a escuta dos seus corpos, para, assim, ter mais subsídios para reelaborar o processo didático e metodológico. Na Segunda parte do espetáculo, a proposta "Trocadilho", uma sequência mais orgânica e condizente com a realidade do grupo, é explicada.

Em seguida, concluímos o relato ao identificar, na proposta apresentada, pontos fundamentais para a Educação Infantil elencados na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017). Concluímos o artigo no intento de iniciar a conversa com os educadores e educadoras que venham, por meio desta partilha, conosco dialogar.

CURRÍCULO, CIRCO E EDUCAÇÃO INFANTIL

O circo, nesta pesquisa, vem para a Educação Básica com sua bagagem cultural e artística, por meio da corporalidade da professora-pesquisadora propositora deste trabalho. "Circo", mesmo estando no singular, remete a uma pluralidade, a um conjunto de modos de fazer, viver, construir conhecimento e produção artística. O circo é abordado nesta condução pedagó-

gica enquanto cultura e também é assim percebido por outros autores e autoras a partir das suas perspectivas de modos de organização e produção de vida e de arte, como em Silva e Abreu (2009), Bolognesi (2003), Macedo (2008), Benício (2018) e Gallo (2018). Nessa perspectiva de circo como cultura e linguagem é que se propõe a abordagem curricular do circo na Educação Infantil, alicerçada por seus conteúdos aqui identificados para evidenciar elementos e valores do circo, muitas vezes negligenciados, embora não trabalhados numa perspectiva conteudista.

O esteio desse currículo é a ação, é o mergulhar na cultura circense, a partir das histórias de vida de seus participantes, seus protocolos de segurança (FERREIRA; BORTOLETO; SILVA, 2015), suas técnicas de solo, como acrobacia e contorção, técnicas de equilíbrio, como arame e perna de pau, técnicas de aéreo, a exemplo do trapézio e do tecido, entre outras tantas técnicas próprias da linguagem circense, bem como seus aspectos artísticos e lúdicos. Os conteúdos não são só de ordem técnica, muitas vezes mal compreendida, limitada à execução de exercícios para composição de um corpo condicionado. Ao trabalhar as técnicas corporais do circo, são criadas dramaturgias corporais próprias, em contato com os artefatos, as tecnologias e as narrativas das artes do circo construídas historicamente pelos circenses.

Assim, os conteúdos podem ser compreendidos a partir da tipologia de Coll et al. (1998), Pozo, Sarabia e Valls (1998), sendo eles: procedimentais, atitudinais e conceituais. Como conteúdos procedimentais, consideramos os ligados ao saber e ao fazer, a exemplo da confecção dos aparelhos; os conteúdos atitudinais são os que envolvem uma dimensão ética, a exemplo dos protocolos de segurança individual e coletiva; já o conteúdo conceitual é, por exemplo, a apropriação do vocabulário circense acompanhado de seus sentidos contextuais.

Elementos como organização dos espaços, realização das técnicas, criações de espetáculos, apresentações, apreciação de espetáculos e números, partilhas de memórias e histórias vivenciadas com o circo, da família Buranhêm, de outras

famílias, grupos, trupes⁴ e lendas que permeiam esse rico universo, também são conteúdos que podem ser caracterizados pela tipologia apresentada. No entanto, não é intenção final classificar conteúdos circenses, mas sim reconhecer diferentes dimensões do fazer circense, sendo elas artísticas e educacionais. Procuramos, assim, evidenciar a relação estabelecida com cada elemento da cultura circense, compreendendo-os como unidades de saberes que podem ser articulados com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento e os campos de experiência da Educação Infantil apresentados na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017).

Nessa proposta, a sensorialidade da criança é trabalhada, mas não na lógica escolar vigente utilitária e de uma educação corporal puramente tecnicista, preparatória dos grupos musculares para realizar os trabalhos escolares e ter melhor desempenho cognitivo para servir a uma sociedade capitalista. A inteireza é um elemento importante que ressaltamos para a composição desse currículo. Já a inteireza corporal, de quem pratica o circo, é a inteireza formada pelo conjunto de elementos que compõem a cultura circense.

Não nos é interessante fragmentar os movimentos dos truques só para adestrar um corpo ou mesmo se apropriar dos aparelhos e de toda a tecnologia criada pelo circo, deslocando-os de seu contexto artístico-cultural, recolocando-os em uma perspectiva utilitária. Tudo que existe no circo para além dos números é importante de ser contemplado nesse currículo para nos apropriarmos do vocabulário e do contexto histórico do circo. Como já sinalizamos anteriormente, um mergulho nessa cultura se faz necessário, pois tem conteúdos que só descobriremos neste encontro entre o circo e o educando, a exemplo do encantamento, da fluidez, das narrativas e da magia.

4. Para conhecer mais sobre a história do circo, acessar a página oficial na rede social Facebook do Centro de Memória do Circo, disponível em: <<https://www.facebook.com/centrodememoriadocircosp/>>. Também conferir o portal oficial do Circonteúdo, disponível em: <<https://www.circonteudo.com/>>.

Consideramos também, nessa proposta, as contribuições psicológicas e neurológicas para o desenvolvimento infantil geradas pelas práticas circenses. As emoções, sejam elas primárias ou secundárias⁵, também são elementos importantes nesse currículo. O medo, a frustração, a alegria e a raiva são elementos constitutivos do corpo; todas são emoções que nem são positivas e nem são negativas, são respostas adaptativas às situações com as quais nos deparamos (DAMÁSIO, 2000).

O erro, o acerto, o belo, o grotesco, a resiliência, a pesquisa e a consciência corporal são conteúdos presentes em todo fazer circense. No circo, lidamos com fluidez, movimento, incompletudes e passagens. Compreender que cometer um erro e não ter determinada habilidade ou competência não é um fim, um fracasso, é sim parte do processo de construção de si. Neste processo de desenvolvimento e composição de si, estão todos, crianças, adultos e idosos.

A CRIANÇA COMO SUJEITO ATIVO DA PROPOSTA CURRICULAR

Para que possamos construir conhecimento com o outro, com este outro sendo criança, faz toda a diferença indagar: o que eu entendo por criança? O que é infância? Dependendo de que ponto parta essa compreensão, apoiada nela será a prática pedagógica e artística proposta com ou para as crianças. Nesta proposta, partimos do pressuposto de que infância e criança não são categorias abstratas, são contextuais, possuem variantes sociais, históricas e culturais. Por isso, contribuindo com Kramer (2006), tratamos de pensar em “infâncias” e “crianças” para que as diversidades e as pluralidades fiquem marcadas na concepção do currículo.

5. Emoções primárias, também conhecidas como emoções universais, segundo Gonsalves (2015), são emoções básicas presentes em diferentes culturas, como a alegria, o medo, a raiva e a tristeza. Já as emoções secundárias variam de acordo com os fatores socioculturais vigentes. Alguns exemplos dessas emoções são: culpa, vergonha e orgulho. Sobre as emoções no contexto da educação, conferir Gonsalves (2015).

Com Qvortrup (2010) e Sarmiento (2009), aprendemos que infância é uma categoria permanente, histórica, social e geracional, enquanto criança é sujeito histórico, social e cultural, envolvendo as diferenças de classe, gênero e etnia. Olhar para essas concepções é um convite para nós, educadores e/ou artistas que trabalhamos com crianças, indagar-mo-nos: qual o meu conhecimento sobre a categoria social infância? Quais as especificidades geracionais, desse coletivo de crianças, com as quais estou dialogando nas minhas aulas e vivências artístico-pedagógicas? Olhando para as minhas estratégias de aula, elas privilegiam ou invisibilizam a alteridade geracional?

Ao percorrer o processo histórico do grupo (formado por crianças e professoras) com o qual estamos trabalhando, nos atentamos para a bagagem plural, tendo, assim, mais recursos para abraçar a bagagem singular que constitui cada criança que chega às escolas e aos CREIs. Assim, refletir sobre a própria infância ou o sentimento de ausência dela⁶ (como experienciado pelas professoras), por meio da prática de brincadeiras e de técnicas circenses, possibilitou a construção coletiva de uma matriz curricular e seus caminhos metodológicos que contribuem com o campo das Artes Cênicas.

PRIMEIRA PARTE DO ESPETÁCULO

Um dos princípios do circo trabalhados na proposta pedagógica foi o do diálogo, entendido como a incorporação dos contextos e sujeitos contemporâneos. Esse princípio se expressa no exercício de olhar para o entorno e construir pontes, aproximações, partindo daí o desenvolvimento dos números e dos espetáculos. Ao buscar o protagonismo do corpo na pesquisa, o diálogo foi estabelecido com os conhecimentos corporais

6. É recorrente nas falas das professoras deste campo de pesquisa a ideia de que não se teve infância. Esse dado foi confrontado na dissertação com a pesquisa do historiador francês Philippe Ariès (1981) sobre a infância no ocidente. Por meio de estudo iconográfico, o autor conclui não existir um “sentimento de infância” na França durante a Idade Média. Reflexões sobre o trabalho prático específico com as professoras do CREI encontram-se em capítulo de livro publicado por estas autoras (MENDES; LARANJEIRA, 2021).

dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem do CREI, especialmente com as crianças e as professoras do Pré-escolar II. Segundo Freire (2014, p. 109), “o diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Para tanto, como em todo diálogo, foi preciso perceber diferentes falas e brechas em que os corpos poderiam estar em movimento ou não.

Assim, produziu-se, a partir da observação e de conversas, o levantamento sistemático dos espaços e dos momentos nos quais as crianças se expressavam corporalmente e de brincadeiras ensinadas pelas crianças e professoras. Estas últimas foram listadas colocando-se ao lado o nome das crianças que as explicaram; com isso, foi construído um inventário com quinze brincadeiras da turma.

Numa segunda etapa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os jogos circenses e foram eleitos dezenove deles para serem praticados a partir da sistematização de Bortoleto, Pinheiro e Prodócimo (2009). Organizados de acordo com princípios, habilidades e objetivos de diferentes modalidades circenses, segundo a classificação dos autores, os jogos trabalhados foram: a manipulação de objetos (jogos malabarísticos); o equilíbrio (jogos funambulescos); o palhaço, a mímica e a dramaturgia (jogos clownescos); e as acrobacias (jogos acrobáticos).

No circo itinerante, para cada espetáculo é feito um programa, uma espécie de roteiro cuja função é reunir um conjunto de números que irão compor o espetáculo daquela noite ou daquela matinê. O programa poderia ser reorganizado, na medida em que se apresentasse uma necessidade. Segue-se, assim, a lógica de sequência de números selecionados, mas que podem ser agrupados, incluídos ou retirados a cada espetáculo. A partir dessa lógica, a primeira parte da proposta pedagógica vivenciada com as crianças foi estruturada e chamada de Programa.

Nosso Programa consistia em uma vez por semana fazer trocas de jogos e brincadeiras entre crianças e professora. A lista já preparada, contendo todas as brincadeiras aprendidas com as crianças, escolhidas pelo gosto que tinham por elas, foi colocada em uma bolsa, junto aos jogos de circo, com os quais

a professora gostava de brincar. A cada encontro, uma criança era escolhida para sortear e tirar, de dentro da bolsa, um jogo circense e uma brincadeira. Com a brincadeira estava escrito o nome da criança que a conduziria à turma.

As trocas seguiam, realizadas primeiramente pelo jogo ou pela brincadeira de acordo com o sorteio. Assim o acaso foi eleito como procedimento em um roteiro que, a princípio, consistia em duas ações: sortear e vivenciar. Essa estrutura mínima propiciou possibilidades de experiências coletivas e mais movimento entre o grupo, demandando uma atenção maior e mais sensível à expressão do outro. Entretanto, também nos levou a mais um movimento de mudança.

INTERVALO

Em seguida, atendendo à demanda do grupo, percebemos que era preciso mudar o percurso metodológico de cada sessão, não mais pensando nela como o programa do espetáculo, um roteiro de encadeamento de números, mas na sessão toda como um jogo. Nessa perspectiva, para marcar a segunda parte do processo de criação da proposta pedagógica, descartamos o nome “Programa” e passamos a chamar de “Trocadilho” a nossa estrutura metodológica. Ao modificar o nome, marcamos uma nova etapa da proposta pedagógica circense ao dar pistas sobre os elementos que a constituem.

“Trocadilho” é o nome de um movimento realizado em diversos aparelhos de circo. Para realizá-lo, parte-se do truque “pé e mão”, que se configura da seguinte forma: a mão direita segura a barra próxima à corda do lado direito, com o braço esticado, e a perna esquerda se apóia, com o tornozelo e o pé enrolados, na corda do lado esquerdo. A perna direita e o braço esquerdo encontram-se esticados na horizontal em direções opostas, formando, com o tronco que está voltado para cima, uma linha horizontal, paralela ao chão. O trocadilho é o movimento que faz com que o tronco inverta sua direção. A perna que está no ar dobra-se e estica-se rapidamente, passando por baixo da corda e provocando uma torção que faz o corpo todo

se voltar para o chão, mantendo-se novamente paralelo a este enquanto os apoios de mão e pé permanecem fixos na corda e na barra. Percebemos que esse mesmo movimento, que constitui a variação do truque, é o movimento metafórico que compôs essa nova etapa da pesquisa, pois recorreremos ao uso de apoios para mover mais. São apoios que constituíram contornos para a vivência, criando um espaço em certa medida familiar para as crianças ao possibilitar maior autonomia e mais movimento.

SEGUNDA PARTE DO ESPETÁCULO

Atendendo à necessidade de mudança engendrada pelas intervenções das crianças, complementamos a proposta pedagógica a partir das observações ocorridas nas sessões anteriores. A partir disso, houve a necessidade de estruturar as sessões utilizando as metáforas circenses como uma maneira de estar em contato com mais elementos dessa arte que traz consigo toda uma riqueza cultural de expressões, vocabulários, forma de moradia, relações, objetos e organização social. Assim, cada parte da sessão passou a ser intitulada por expressões do circo. A estrutura metodológica móvel, ou melhor, itinerante, configurada por etapas, serão descritas a seguir, partindo da definição do que a expressão significa no universo circense, passando pela explicação de como aplicá-la, e finalizando com um exemplo vivenciado a partir dos diários de pesquisa da professora.

- **Fazer a praça** – Esta ação significa preparar o terreno no qual o circo será montado na cidade. Em geral, essa função é desempenhada pelo secretário do circo, que vai à frente, preparando tudo para que os caminhos estejam abertos para o circo se instalar na praça. Na nossa sessão/brincadeira, “fazer a praça” significa nos preparar para entrar nesse universo circense brincante. É o momento de propor vivências que marquem o início dos trabalhos e que estabeleçam uma espécie de ligação e estado de presença entre os participantes. Utilizamos geralmente brincadeiras cantadas e exercícios de conexão.



Figura 1: Roda

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2019)

Exemplo: Iniciamos com o desafio de cada um se colocar na roda. Ao formar a roda, cantamos a chula "Como vai?", do Palhaço Arrelia. A ideia era só estimular o olhar para o outro enquanto cantávamos essa chula, mas fomos ficando em duplas se cumprimentando. Em seguida, motivados pela movimentação corporal das crianças, sugerimos trocar as duplas e, assim, fomos construindo uma movimentação que envolveu todo o grupo.

- **Atenção, up!** - Um sinal usado para acionar o estado de vigiância e marcar o tempo de início de um truque. É um código de comunicação usado em diferentes técnicas circenses como, por exemplo, o portô e o volante⁷, estabelecendo um tempo de ação coletiva. Este é o espaço dos jogos circenses, pois são jogos que promovem a atenção ativa e o trabalho coletivo.

7. Portô é a pessoa que tem como função aparar, equilibrar e/ou impulsionar o volante nas realizações dos truques dos números das diversas modalidades circenses. Volante é a pessoa que é aparada e/ou impulsionada pelo portô nas realizações de truques dos números circenses.



Figura 2: Malabares

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2019)

Exemplo: Foi sorteado um Jogo malabarístico; antes de iniciarmos o jogo, percebemos que não tínhamos bolas de malabares, mas que poderíamos construir. Pegamos o material que tínhamos no CREI, como sacola plástica, bola de sopro (bexiga), areia e tesoura. Fomos para o parquinho brincar com a areia e construir as bolas de malabares. O grupo que ia concluindo a sua bola já tentava fazer os desafios do jogo: jogar a bola para cima, bater palmas, lançar a bola de uma mão para a outra, criar maneiras de lançar e receber a bola individualmente ou em dupla. Conseguimos ficar em dois grupos com focos diversos, porém com as crianças presentes, atentas às ações de construir as bolas e de jogar os malabares.



Figura 3: Pega-pega

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2019)

Exemplo: Em seguida, Alana (uma criança da turma) explicou as regras do “Toca-alto” [variação do “Pega-pega” em que as pessoas que estão brincando ficam em cima de um objeto para se “salvarem”, mantendo-se a certa altura do chão]. Brincamos por um tempo essa brincadeira. Percebi como incrivelmente eles amam a brincadeira do “pega-pega”. Nessa versão do “Toca-alto”, chamou-nos a atenção a presença da regra do “relógio” proposta por Alana. Ela foi usada como recurso para mudar a dinâmica da brincadeira. Quando todas as crianças estavam por muito tempo em cima de um objeto, ou seja, salvos no alto, Alana, que era o “toca” ou “pegadora” fazia o “reloginho” [em um ponto em que todos pudessem vê-la, ela, em pé, abre os braços lateralmente estendidos na altura dos ombros e vai fechando-os devagar, com as palmas das mãos viradas para dentro, até elas se tocarem, na frente de seu corpo - esse tempo que existe no momento em que ela abre os braços até as palmas das mãos se tocarem é o tempo que as outras crianças têm para mudar de lugar].

- **O espetáculo não pode parar** - Trata-se de uma analogia com a ideia de construção de uma energia coletiva como a manutenção de um fluxo vital. Na oficina, esse é um momento de voltarmos a percepção para nós mesmos e sustentar a energia construída. Ao final das sessões, realizamos vivências que estimulam a percepção do nosso estado corporal pós-sessão de circo. São propostos exercícios que induzem a uma atenção contemplativa de si, sustentando, por determinado tempo, o estado de presença.



Figura 4: Círculo de mãos e pés
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2019)

Exemplo: Realizamos uma roda de fechamento nos movimentando ao som da música “Um cadinho de raio de sol”, de Maria Lalla Cy Aché (2014). Finalizamos com o desafio coletivo de se fazer um círculo unindo o pé e a mão.

- **Reloginhos** - O "reloginho" do "Toca-alto" ensinado por uma criança aqui serve de referência para produzir momentos de ruptura com o que acontecia anteriormente, pela mudança das dinâmicas corporais por meio do contraste. Serve como recurso para passar pelo desafio comum a quem trabalha com crianças que costumam trocar rapidamente a atenção e a focalização, principalmente estando em grupo. A partir de uma seleção de brincadeiras populares e exercícios de palhaços sucintos, propomos possibilidades para reestruturar a sessão, quando a atenção é dispersada. Por ser um elemento surpresa, coloca-nos em um tempo de suspensão, desautomatizado, criando, assim, outros desafios para os participantes. O recurso "reloginho" é usado ao longo da sessão sem um momento prefixado, quando é necessária a mudança de atenção dos educandos.

REFERÊNCIAS CURRICULARES E A PROPOSTA PEDAGÓGICA

Apresentada a proposta pedagógica, seu processo e seu resultado, procuramos, agora, estabelecer relações pontuais com as diretrizes da BNCC, assim como com a classificação sobre os conteúdos circenses identificados a partir do pensamento de Coll et al. (1998). Em busca de refletir ainda mais sobre a prática no CREI apresentamos cruzamentos entre esta e os direitos de aprendizagens e desenvolvimento, a saber: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se; e os campos de experiência, identificados como: o eu, o outro e o nós, Corpo, gesto e movimento, Traços, sons cores e formas, Escuta, fala pensamento e imaginação, Espaço, tempo, quantidade, Relações e transformações.

Proporcionamos um modo de “Conhecer” ao entrar em contato com a chula do Palhaço Arrelia⁸, patrimônio imaterial da cultura circense. Exercitando a escuta coletiva, a percepção de si e do outro, trabalhamos com conteúdos atitudinais. Da mesma forma que, ao propor quem será a criança que irá exercitar o lugar de mediador da atividade, quem partilhará com o grupo sua brincadeira, estimulamos a participação e a expressão.

Ao vivenciar a proposta aqui apresentada, entrelaçamos os saberes e fazeres envolvendo o imaginar e o inventar. Articulamos antigos e novos conhecimentos de forma lúdica e participativa, selecionando os jogos circenses e as brincadeiras infantis, criando um inventário. Esses engendramentos geraram o dispositivo pedagógico “bolsa brincante”, que é o suporte em que colocamos nossa lista de brincadeiras e jogos. Com o dispositivo pedagógico, nasce o procedimento para as vivências – uma criança sorteia, comunica ao restante do grupo e, em seguida, quem foi sorteado inicia os trabalhos. Percebemos o trabalho com conteúdos circenses procedimentais ao pegarmos a bolsa brincante e, de dentro dela, uma criança sortear o jogo circense e a brincadeira infantil previamente selecionados pelo coletivo que ela faz parte, valorizando e fortalecendo o seu universo de cultura de pares.

Os conteúdos conceituais também se apresentaram no nosso picadeiro, quando conversamos sobre o artista malabarista e sua técnica de equilíbrio, que envolve tempo e espaço. Pensamos além do circo itinerante de lona: onde mais podemos ver malabaristas? Com a confecção das bolas de malabares, experienciamos procedimentos, seleção de materiais e suas transformações. Comparamos pesos, medidas, velocidades, cores, formas, texturas. Experienciamos a técnica de malabares, com seus exercícios de educativos circenses, possibilidades de brincadeiras, ritmos, níveis e planos, movimentação, exploração do material em contato com

8. O circense Waldemar Seyssel, mais conhecido como Palhaço Arrelia, nasceu no circo e continua o trabalho artístico das suas gerações passadas. Foi o primeiro palhaço a aparecer na televisão brasileira com o programa “Cirquinho do Arrelia”, em 1953, na TV Paulista. Seu trabalho era realizado usando chulas circenses a exemplo da chula “Como vai, como vai, como vai?” incorporada nas vivências da oficina de circo com as crianças ao longo da pesquisa.

o corpo, com o espaço, individualmente e em dupla, exercitando a exploração. Cada criança apresentava sua pesquisa individual para o coletivo, colocando-se em cena.

Exercitando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC “brincar” e “conhecer-se”, ampliamos os olhares e as concepções sobre infância e criança, com os adultos podendo conhecer mais as culturas infantis deste grupo de crianças e elas mesmas podendo trocar conhecimento entre si. Tornando mais evidente a integração e a troca entre as crianças, modificando a visão do professor ser o detentor de todo o saber, pode-se exercitar esse lugar de construtores do saber e não apenas de receptores que modificam estruturas epistêmicas dos ambientes educacionais, muitas vezes impostas.

Outro aspecto trabalhado foi o senso de pertencimento no processo de construção do conhecimento: as crianças, ao se colocarem e proporem uma vivência, mostram que sabem que têm um conhecimento e que podem estar socializando entre seus pares e com os adultos. Em ato de se perceber indivíduo-coletivo, produzimos memórias corporais de como estamos nos sentindo. Consideramos o que vivenciamos com o circo, por meio dessas experiências, o exercício da convivência com o outro e com as Artes Cênicas na Educação Infantil.

CONCLUINDO PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Celebramos, entre risos e brincadeiras, nossa presença na ação de troca de saberes com crianças e professoras. Por meio dos conhecimentos circenses, proporcionamos um processo de aprendizagem que atualiza saberes tradicionais e locais em meio a experiências lúdicas e artísticas. Do desenvolvimento sensório-motor, no exercício de se equilibrar ou de equilibrar as bolas de malabares à capacidade de lidar com o erro. Da sensibilidade de perceber a beleza de um movimento acrobático e de provocar o riso à experiência ética de exercitar a dependência mútua ao saber dar apoio ao movimento do outro e o de ser apoiado pelo outro. Do aprender ao ensinar a brincar, do

ensinar aprendendo circo com as crianças e professoras. Estas passagens e movimentos aqui apresentados informam e indicam conhecimentos próprios da infância, mediados pelas crianças participantes da pesquisa e de uma cultura particular, a do Circo, mediados pela professora a partir de sua experiência de vida com os mestres e circenses.

Por meio da síntese do percurso metodológico que resultou na proposta “Trocadilho”, tivemos a intenção de mostrar as etapas de sua construção, ressaltando as contribuições fundamentais das crianças e também da importância da utilização de expressões próprias do circo. As expressões e o vocabulário oriundos do circo brincam com a metáfora ao estimular a imaginação, mas também divulgam sentidos específicos desse universo.

O compartilhamento da proposta teve também o objetivo de refletir sobre os modos de exercer os direitos de aprendizagem e desenvolvimento e os campos de experiência da Educação Infantil estipulados na BNCC. Ao identificar na proposta as diretrizes apontadas pelo documento, ressaltamos a importância do conhecimento artístico e, especificamente, do Circo estar presente na Educação Infantil.

A constatação da atual ausência de professores de Artes na Educação Infantil em diversos municípios da Paraíba e no Brasil, de uma maneira geral, motiva-nos a expressar aqui que as crianças têm direito ao acesso às linguagens artísticas, direito esse que precisa ser garantido. Potencializar e registrar práticas pedagógicas artísticas na Educação Infantil que ocorrem mesmo em meio às ordens e às “desordens” municipais, estaduais e federais é uma estratégia de resistência possível, no sentido de reivindicar o exercício pleno desse direito.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.
- BENÍCIO, Eliane. **Saltimbancos urbanos: o circo e a renovação teatral no Brasil, 1980-2000**. São Paulo: Perspectiva; Salvador: PPGAC/UFPBA, 2018.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PINHEIRO, Pedro Henrique Godoy Gandia; PRODÓCIMO, Elaine. **Jogando com o circo**. São Paulo: Fontoura, 2009.
- BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Ed Unesp, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2017.
- COLL, César et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1998.
- DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FERREIRA, Diego Leandro; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SILVA, Erminia. **Segurança no circo: questão de prioridade**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GALLO, Fabio Dal. **Escola Picolino: o circo social e a arte-educação**. São Paulo: Perspectiva; Salvador: PPGAC/UFBA, 2018.
- GONSALVES, Elisa. **Educação e emoções**. Campinas, SP: Alínea, 2015.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade.** 19-21. Brasília - DF: Ministério da Educação; FNDE, 2006.

MACEDO, Cristina Alves. **Educação no circo: crianças e adolescentes no contexto itinerante.** Salvador: Quarteto, 2008.

MENDES, Simone de Fátima Alves; LARANJEIRA, Carolina Dias. Brincadeira só se aprende brincando: Arte Circense na formação (de base e continuada) de professores. **Fazer pensar e ensinar artes cênicas: Epistemologias do extremo leste do Brasil.** Campinas - SP: Papirus, 2021.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, 2010.

SILVA, Ermínia; ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público... o circo em cena.** Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais. In: **O social em questão**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 15-30, 2009.